1. Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o papel privilegiado da angústia na existência humana a partir da obra *Ser e tempo* (1927/2009) de Martin Heidegger¹. Esse papel é privilegiado para pensarmos o próprio ser do homem, o próprio movimento existencial no qual o homem se determina. Nesse sentido, torna-se necessário compreendermos quem é o ente² que se angustia e qual a relação da angústia com a própria existência humana. A compreensão deste ente que se angustia aponta justamente para nós mesmos, o *ser-aí*³ humano. A angústia possui uma relação com uma total perda de sentido, ou seja, é exatamente quando parece que nada faz sentido que dizemos que estamos angustiados. Dessa maneira, é possível afirmarmos que a angústia acontece para aquele ente que pode perder o sentido. O único ente que pode ter sentido e, por isso perdê-lo, é o ser-aí, pois ele é o único ente que não possui nenhuma determinação *a priori*, ou seja, é o único ente que não possui sentidos determinados. Se perguntássemos qual o sentido do ser-aí humano ou qual a determinação de ser do homem, dificilmente alcançaríamos uma resposta absoluta e definitiva, visto que, a *indeterminação* é um caráter originário do ser-aí e, por isso mesmo, será retomada diversas vezes ao longo dessa investigação. Por ser um ente indeterminado, o ser-aí precisa se determinar de algum modo para ser. Dessa forma, a determinação de ser é algo que está sempre em jogo neste ente e esse movimento de ter de se determinar, de ter de ser, é o que podemos compreender como *existência*. O ser-aí existe pois de um modo ou de outro, ele está sempre e a cada vez colocando em jogo seu ser. Nesse sentido, Heidegger (2009, p.48) nos descreve:

Como a determinação essencial desse ente não pode ser efetuada mediante a indicação de um conteúdo quiditativo⁴, já que sua essência reside, ao contrário, em

¹ Devido a dificuldades técnicas não foi possível alterar o título da dissertação que deve ser considerado como: **O papel privilegiado da angústia na existência a partir de *Ser e tempo***.

² “Ente é tudo de que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos.” (HEIDEGGER, 2009, p.42)

³ Heidegger traz o termo ser-aí para pensarmos aquele ente que existe, ou seja, nós mesmo. O ser-aí não é o mesmo que sujeito, pessoa, homem ou ser humano, mas é o termo utilizado para compreender o ente que é marcado por uma indeterminação originária e que exatamente por isso precisa se determinar. Existência é a substância do ser-aí como o ente que coloca em jogo o seu próprio ser. Compreenderemos melhor esse termo ao longo da pesquisa.

⁴ Quididade está relacionada a essência de algo, à substancialidade, a resposta pela pergunta: o que é? Nesse sentido, o que está em jogo nessa citação é a impossibilidade de responder a pergunta o

sempre ter de possuir o próprio ser como seu, escolheu-se o termo ser-aí para designá-lo enquanto pura expressão de ser.

O privilégio da angústia aponta, sobretudo, para o fato dela trazer a possibilidade de pensarmos o lugar de uma possível transformação do ser-aí humano, transformação esta que está relacionada à possibilidade de uma apreensão de si-mesmo, do seu modo mais próprio de ser. Pois é justamente nessa perda de sentido que um espaço de indeterminação de si mesmo se desvela abrindo a possibilidade de uma transformação, de um novo sentido. Esta apreensão transformadora acena para uma liberdade e responsabilidade desse modo mais próprio de ser, ou seja, o modo no qual somos e estamos originariamente. É importante esclarecermos que esse modo originário não está de maneira nenhuma distante do que somos no nosso dia-a-dia, na nossa cotidianidade, pelo contrário, o caráter originário desse modo aponta exatamente para a própria transparência do movimento existenciário a partir do qual sempre somos e estamos. Isso significa que este caráter próprio acaba compreendendo também o modo cotidiano no qual, na maior parte das vezes, estamos imersos e não se distanciando por completo dele numa espécie de solipsismo. Mas afinal, o que significa dizermos que estamos na maior parte das vezes imersos no modo cotidiano de ser?

Para respondermos a esta pergunta é necessário que compreendamos, ainda que de modo sucinto, o ser-aí humano, afim de esclarecer porque ele se encontra, na maior parte das vezes, imerso em modos cotidianos de ser. Vimos que a indeterminação originária do ser-aí aponta exatamente para uma necessidade de determinação. Dessa maneira, podemos nos questionar a partir de onde o ser-aí se determina? Ele “se relaciona e se comporta de modo essencial, primeira e constantemente, a saber, a partir do ‘mundo’”. (HEIDEGGER, 2009, p.53) O mundo é uma instância que possui em si um campo de determinações já existentes, ou seja, o ser-aí já nasceu e cresceu a partir de um horizonte de interpretações cotidianas sedimentadas com as quais ele pode contar e confiar. Desse modo, Heidegger (2009, p.54) acentua que

[...] as modalidades de acesso e interpretação devem ser escolhidas de modo que esse ente possa mostrar-se em si mesmo e por si mesmo. Elas têm de mostrar o ser-aí tal como ele é antes de tudo e na maioria das vezes, em sua cotidianidade

que é o ser-aí humano a partir de um conteúdo substancial, visto que sua substância está na existência, em ter de se determinar toda e a cada vez.

mediana. Da cotidianidade não se devem extrair estruturas ocasionais e acidentais, mas estruturas essenciais.

Essa cotidianidade aponta justamente para o modo como somos e estamos de maneira mais imediata. Ela é o campo que nos absorve, que nos fornece determinações possíveis para sermos. Esta imersão sugere uma automatização dos nossos comportamentos, o que faz com que não nos questionemos acerca de quem é este ente que nós mesmos somos. Ao longo da pesquisa compreenderemos melhor o que faz com que essa automatização aconteça. O importante neste ponto da introdução é salientarmos que estes comportamentos automáticos acabam por nos fechar em possibilidades já determinadas cotidianamente, em preconceitos e interpretações já dadas. Desse modo, vemos que essas determinações cotidianas são possibilidades que já existem antes do ser-aí humano ser, e que funcionam como um campo confiável para que ele possa aos poucos ir se familiarizando com elas. No entanto, tais determinações tornam-se automáticas e acabam por fechar o ser-aí dentro de um círculo de interpretações preexistentes.

Dessa maneira, quando falamos de uma apreensão de um modo mais originário, queremos apontar para uma apreensão do nosso próprio movimento existencial que, na maior parte das vezes, se encontra velado pelo modo cotidiano de ser. Visto que cotidianamente vivemos como se as coisas, os outros e nós mesmos fossem determinados, justificados, previsíveis e passíveis de cálculo. Enfim, vivemos como se fôssemos coisas entre coisas, num círculo de determinações já dadas. No entanto, este círculo não se encontra totalmente hermético, pois as determinações que nós mesmos somos sempre encontram, de algum modo, fissuras, espaços de indeterminação, espaços inacessíveis e, nesse sentido, uma impossibilidade de determinação última. É exatamente nesta impossibilidade de determinação definitiva que se torna possível visualizar o ser-aí humano como um ente marcado por uma indeterminação originária. Isso significa que em sua originariedade o ser-aí não possui determinação alguma, mas é marcado por um espaço de inacessibilidade, de não cálculo, um espaço de indeterminação, que precisa se determinar para ser. É nesse movimento de determinação de ser da existência, que o ser-aí humano se depara com uma miríade de determinações já existentes, isto é, com um campo de determinações que já existiam e com as quais ele pode contar e confiar. Este horizonte no qual o ser-aí humano decai, na maior parte das vezes, é o mundo cotidiano no qual

estamos imersos e determinados como coisas passíveis de cálculo e previsibilidade.

Como pudemos compreender, mesmo que de modo breve, o ser-aí humano é marcado por uma indeterminação originária e é exatamente nesse lugar da não determinação, aberto na angústia, que se torna possível uma transparência com relação ao próprio movimento existenciário. É neste espaço de não determinação que ocorre algo como uma parada no automatismo que somos e estamos imersos, na maior parte das vezes. É nessa quebra que acabamos por dar espaço ao próprio espaço, ou seja, para a própria indeterminação ou fissura que se encontra no que somos, para a própria transparência do movimento existenciário no qual sempre estamos. Na maneira cotidiana de ser estamos fechados para o espaço que nos constitui, para a indeterminação que somos e acabamos tomando tudo como se fosse acessível, previsível, passível de cálculo e de determinação. É neste espaço de inacessibilidade e de indeterminação que se encontra uma possível visualização do que nós somos e de uma possível transformação existencial. Este espaço nunca consegue ser totalmente fechado, apesar das tentativas incessantes dos automatismos cotidianos. É importante esclarecermos que essa queda nos automatismos não é um movimento volitivo, isto é, que se encontra determinado pela vontade de um sujeito, mas, como vimos, é o lugar no qual nós estamos na maior parte das vezes. Como foi possível descrever, ainda que de maneira concisa, cotidianamente nos comportamos como se comporta, nos determinamos como se determina, ou seja, nós somos a partir de um campo de determinações que se encontra já posto antes de sermos e com o qual podemos contar e confiar. Este campo será melhor esclarecido ao longo desta pesquisa. O importante neste momento introdutório é compreendermos que este horizonte de determinações cotidianas a partir do qual somos e estamos acaba nos fechando para o espaço de indeterminação que nós mesmos somos. Nos aprisionando em modos de ser e nos cegando para as possibilidades que nos constituem de maneira mais própria.

Esse espaço de realização de nosso ser só pode ser compreendido a partir de uma parada, de uma suspensão desses automatismos cotidianos. Esta suspensão surge justamente a partir da angústia, ou seja, é exatamente a partir dela que o espaço no qual o ser-aí humano se constitui pode ser apreendido, tornando possível uma apreensão de si, dos outros e das coisas como injustificáveis e inacessíveis às últimas conseqüências. É justamente a partir desta apreensão que

surge a possibilidade de uma responsabilidade, o que acena para a possibilidade de assumir o espaço indeterminado em que nos realizamos. O que está em jogo aqui é a responsabilidade de assumirmos a determinação que nós somos a partir do espaço de indeterminação que nos constitui. Acenando para a liberdade de podermos nos retomar toda e a cada vez. É de modo livre e responsável que esse espaço de indeterminação se mostra como algo que não pode mais ser velado, como uma prontidão a angustiar-se. Este modo próprio de ser traz a compreensão de que qualquer determinação possível do ser-aí é finita e, desse modo passível de ser quebrada. Nesse sentido, o que acontece aqui é uma segunda relação com a angústia. Esta, em uma primeira voz, desconstrói, quebrando e parando todo o automatismo cotidiano no qual estamos imersos. Em uma segunda voz, ela se mostra como aquela contra a qual não se pode fugir, mas que está sempre aí à espreita, e diante dela resta apenas uma prontidão ao seu inevitável encontro. O que se mostra, então, é uma abertura à fragilidade de nossas determinações, de nossa existência, e às diversas possibilidades que podem se constituir nesse espaço de determinação de ser, nesse espaço de indeterminação no qual nós sempre nos constituímos.

A partir desta pequena introdução torna-se mais claro o que será discutido posteriormente sobre a angústia em seu papel privilegiado na existência do homem. Vimos, de modo sintético, que é exatamente nesse lugar angustiante que ocorre uma suspensão dos modos automáticos de ser e onde se descobre o que podemos compreender como uma possível transformação existencial, isto é, uma possível apreensão do movimento existenciário no qual somos e estamos. É necessário esclarecermos que a suspensão dos modos automáticos não torna necessária a transformação existencial, dessa maneira, uma voz pode ser escutada, mas a outra pode permanecer eternamente muda. Ou seja, a angústia, por mais que suspenda os automatismos, não garante nenhuma transformação. Estas duas vozes serão discutidas ao longo da pesquisa, mas para que isso seja possível alguns elementos devem ser primeiramente compreendidos.

Dessa forma, para que possamos pensar a angústia como esse espaço de desconstrução dos comportamentos automáticos no qual estamos imersos, na maior parte das vezes, e como o espaço de uma possível transformação e apreensão dos modos mais próprio de ser, torna-se necessário compreendermos aquele que se angustia: o ser-aí humano em seu espaço de determinação e de

realização de seu ser. Para isso, é preciso descrevermos os elementos principais da analítica existencial, nesse sentido, algumas perguntas parecem fundamentais: quem é este ente que nós mesmos somos? Porque estamos na maior parte das vezes imersos em comportamentos automáticos? Como realizamos nosso ser? Como compreendemos mundo? O que se compreende pelo modo cotidiano de ser? O que seria uma apreensão própria e originária de si-mesmo? E qual a relação da propriedade com a liberdade e a responsabilidade do ser-aí humano? Estas são algumas questões fundamentais que servirão de guia para que, então, possamos pensar o papel privilegiado da angústia como um espaço de desconstrução de automatismos e como possibilidade de apreensão de um caráter mais próprio, livre e responsável.

Diante deste contexto, o *primeiro capítulo* desta pesquisa terá como foco compreendermos aquele que se angustia e seus caracteres principais, ou seja, o ser-aí e o que se compreende pelo movimento do existir humano. Como vimos, o ser-aí é marcado por uma indeterminação originária e que, por isso mesmo, precisa se determinar. Mas afinal, a partir da onde ele se determina? Vimos que existe um campo de determinações já postas, isto é, que já existem antes do ser-aí ser. O que nos leva as seguintes indagações: como o ser-aí se determina a partir deste campo? Que campo é este? Qual a relação dele com o que Heidegger compreende por mundo? E, nesse sentido, como o ser-aí apreende mundo? O autor alemão nos descreve que o ser-aí precisa de mundo para se determinar, para ser. A partir daí, nos questionamos: porque ele precisa de mundo para ser? Seria mundo uma instância realmente necessária para a constituição do ser-aí humano? Este primeiro capítulo buscará descrever, sobretudo, o ser-aí como um existente, de modo a responder de que maneira este ente se realiza através da unidade compreendida como ser-no-mundo. Será investigado ainda, como o mundo se mostra e como se apresenta o próprio espaço no qual o ser-aí se realiza como o que se compreende por ser-em. O capítulo abarcará também o modo como o ser-aí se relaciona com as “coisas” junto ao mundo e com os outros através daquilo que se compreende neste contexto como ser-com.

A partir de uma descrição detalhada do ser-no-mundo, o *segundo capítulo* buscará compreender como se dá a abertura do ser-aí no mundo, ou seja, como o ser-aí descerra o mundo. Dito de modo ainda mais claro, como o ser-aí se constitui e se determina em seu espaço existencial. Segundo Heidegger, esta

abertura conta com uma estrutura tripla: a disposição, a compreensão e a fala. Vale a pena acentuar que a angústia é um modo dispositivo que faz parte da abertura do ser-no-mundo. Como veremos, esta maneira privilegiada de descerrar mundo acaba por desconstruir o ser-aí em seu modo mais imediato, automático e cotidiano de ser. Este capítulo contará ainda, com a descrição do modo de abertura deste mundo cotidiano, dito impróprio, no qual nos encontramos imersos na maior parte das vezes e cujo modo de ser também conta com uma estrutura tripla: a falação, a curiosidade e a ambiguidade.

A investigação até o presente momento contará com a descrição do ser-aí como ser-no-mundo, ser-em e ser-com, seguida do modo a partir do qual o ser-aí descerra o mundo. Os dois primeiros capítulos tornam-se necessários para que, então, possamos compreender o papel privilegiado da angústia em nossa investigação. Como vimos, a angústia possui um papel importante para compreendermos o ser do ser-aí humano, como o lugar no qual acontece uma suspensão dos automatismos cotidianos e no qual surge a possibilidade de uma transformação existencial. Nesse sentido, fica claro a necessidade de compreendermos, primeiramente, aquele que se angustia, o ser-aí humano, para em seguida descrevermos a abertura de mundo deste ente, bem como o ser-aí em seu modo de ser mais imediato. Tal esclarecimento, torna possível a desconstrução dos modos automáticos e cotidianos de ser abrindo espaço para a compreensão do modo de ser mais próprio. Este desvelamento próprio só se torna viável a partir da quebra do automatismo proporcionado na angústia. Não haveria, desse modo, como descrevermos esta suspensão sem antes compreendermos o ser-aí em seu modo de ser mais imediato e automático. Dessa maneira, o *quarto capítulo* será destinado à descrição detalhada da angústia como este espaço de desconstrução dos automatismos e como este lugar privilegiado de possibilidade para uma abertura de mundo no qual o ser-aí pode apreender-se como um singular, um ser-livre para a possibilidade de assumir (responsabilizar) seu modo de ser mais próprio. Nesse sentido, este capítulo descreverá, num primeiro momento, o que estamos apontando como a primeira voz da angústia na obra *Ser e tempo* para, em seguida, apontar a transformação existencial e seus elementos como uma segunda voz, como uma prontidão do ser-aí humano à angustiar-se. Dessa forma, haveria, a partir desta transformação, um outro modo de descerrar mundo, o que compreendemos como um modo mais próprio de ser. Torna-se necessário, então,

descrevermos os elementos que compreendem esta abertura mais própria. Vale ressaltar que esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar todas as formas de se pensar a importância da angústia na analítica existencial, pelo contrário, ela busca justamente abrir um espaço para que outras investigações possam pensar este fenômeno como uma experiência de extrema importância para a desconstrução dos preconceitos e automatismos nos quais estamos imersos em diversos campos do nosso existir.